

Zélia na parada

Nunca fui muito fã de televisão. Quando me separei, passaram-se semanas até que eu percebesse que ela continuava na sala. Apesar de hoje em dia eu até ver alguns programas com a Patricia, até três anos atrás raramente me lembrava da existência desse objeto. Eu adoro jornal, mas gosto de pouquíssimas revistas – três, pra ser sincera. Rádio? Os locutores me irritam muito e as propagandas, ainda mais. Ou seja, nunca sei quem são as celebridades do momento, não reconheço no discurso alheio os bordões cômicos da moda e não sei cantarolar nem o refrão do *hit* do momento.

Confesso: eu nunca tinha ouvido falar de uma cantora chamada Zélia Duncan. Pode rir.

Assim, era com grande espanto que ouvia, de vez em quando: “Nossa, você é a cara da Zélia!” Lembrando-me daquela ex-ministra da Economia de dentinhos separados, tinha que me conter pra não dar na cara do incauto. Meu queixo proeminente vem-me rendendo comparações desde sempre: Cristiane Torloni, Segourney Weaver, barbacuda... Mas o que isso tinha a ver com a Zélia?

Quando deixei meu cabelo crescer, os cachos acentuaram a semelhança e as frases se tornaram mais claras: “Todo

mundo te fala que você é a cara da Zélia Duncan, né?” Ah-há! Então a Zélia não era aquela que dançava bolero e usava mangas bufantes? *Meno male!*

Pesquisei, e longa vida à Internet! Zélia Cristina Duncan, cantora niteroiense sobre quem o João Pimentel disse, em O Globo: “Zélia Duncan é a melhor cantora de um mundo pop cujo entorno ela recusa. Sempre teve aversão a revistas de fofoca, festas, à imagem em detrimento da arte.” Uau! E numa edição *online* do JB, o Tárík de Souza escreveu sobre ela um texto chamado “Na linha das cantoras pensadoras”. Nossa! Como pude desconhecer uma pessoa dessas por tanto tempo?

Devidamente familiarizada com a aparência e a obra da Zélia, deixei de me importar com as comparações – apesar de ela ser sete anos mais velha.

Muitas vezes me pararam pra pedir autógrafo. Obviamente, nunca tive o mau gosto de dar, apesar dos incentivos dos amigos espíritos de porco. Nem por brincadeira me apetece ser outra pessoa, donde minha resposta-padrão é categórica: “Eu NÃO sou a Zélia Duncan, eu só sou queixuda!” Se alguém achou que era mentira chiliquenta da artista, peço desculpas a ela.

Mas a Patricia também lhe deve desculpas. Uma vez, estávamos no Shopping Ibirapuera quando uma menina de cabelos cor-de-laranja veio me abordar. Eu não assinei seu bloco, discurssei mecanicamente sobre os cachos e queixos, desculpei-me e saí andando, sozinha. A Patricia tinha ficado pra trás, gabando-se de estar com uma artista: “É a Zélia sim, é que ela não gosta disso, é tímida...”

A Patricia adora as ocasiões em que me confundem. Do alto de seu 1,58 m e meio, olha pra todo mundo com ares superiores: “Eu namoro a Zélia, tá, meu bem?” Uma vez, no final de um show, postei-me perto da saída de emergência, esperando o tumulto diminuir para ir embora. Uma moça cutucou a amiga e se aproximou, caderninho em punho. Sentindo o perigo iminente, escapei rapidamente pela escada de incêndio.

Mas na Parada Gay de 2005 não havia rota de fuga. Eu, de óculos escuros, ainda mais parecida com a Zélia, e a Patricia, posando de gatinha e se sentindo, não deixávamos espaço para dúvidas...

Vamos pela Paulista, abraçadas, curtindo o clima e as pessoas, apreciando os carros de som e celebrando viver numa cidade como São Paulo... não mais que de repente, uma menina grita a plenos pulmões: “Olha, é a Zélia!” Assustada, corri. Pensando agora, é claro que foi a pior reação possível, mas na hora não estava raciocinando direito. A menina e suas colegas vinham em minha direção, braços ameaçadoramente estendidos, olhos muito abertos, salivando. Paniquei!

Elas se aproximavam rapidamente. A Patricia, arrependida de sua postura exibicionista, tentava convencê-las do engano e, ao mesmo tempo, me segurar. O bloco perseguidor se avolumou, até quem não tinha idéia do que estava acontecendo se juntou ao grupo e saiu atrás de mim. Eu estava de-ses-pe-ra-da. Gritava “Eu não sou a Zélia, eu NÃO sou, NÃO sou a Zélia”, mas parece que todo mundo só ouvia a última palavra e pensava: “Nossa, é a Zélia!”, e juntava-se à horda.

Refugiei-me bem no fundo de um café lotado, fiz um rabo-de-cavalo e fiquei de costas para a porta. Logo a

Patricia chegou. O funcionário serviu água, café, nos deixou fumar, serviu mais dois cafés. Apesar dos muitos clientes, não nos apressou para desocupar a mesa. Quando fomos pagar, ele me deu uma piscadinha e propôs um escambo: “Me dá um autógrafo?”